

CAPÍTULO 4

Futebol nas Humanidades: trajetória, corpos, abordagens¹

Alexandre Fernandez Vaz

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RESUMO

No presente texto, reconstruo algo da minha trajetória nos estudos sobre futebol, localizando as bases analíticas que me orientam e propondo alguns temas e abordagens que desafiam os estudos sociais e culturais do esporte: os corpos dos atletas e suas constituições e atravessamentos, inclusive no que se refere às formas de disciplinamento tecnológico, que sobre eles incidem; mais atenção ao que se passa no interior do campo, incluindo aquilo que diz respeito aos aspectos técnicos e táticos do futebol; a arte, em especial, a literatura ficcional e o cinema, como documentos para a pesquisa, principalmente, no que podem ter de expressão estética do tempo histórico

1 As reflexões aqui expostas derivam do programa de pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação (estudos para a compreensão do tempo presente), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processos nº 408324/2023-6 e 312749/2021-0) – e pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) – Edital 21/2024.

em que são produzidos. Defendo estudos que digam algo, por meio do futebol, a respeito da sociedade e de suas contradições.

Palavras-chave: futebol, corpo, arte, dialética, sociedade

ABSTRACT

This text reconstructs some of my think on soccer studies, circumscribing the analytical bases that guide me and proposing some themes and approaches that challenge the social and cultural studies of sport: the bodies of athletes and their constitutions, including with regard to the forms of technological disciplining that affect them; more attention to what goes on inside the sportfield, including with regard to the technical and tactical aspects of soccer; art, especially fictional literature and cinema, as documents for research, especially in what they can have as aesthetic expression of the historical time in which they are produced. I advocate for studies that say something, through soccer, about society and its contradictions.

Keywords: soccer, body, art, dialectics, society

1. FUTEBOL

Desde sempre tive relações estreitas com o futebol. Na minha infância, eram muitos os homens na família que gostavam do esporte e da cultura que o compunha, de maneira que na minha incerta socialização masculinista pude viver diferentes faces desse fenômeno. Entre as mulheres, duas primas paulistanas eram corintianas

praticantes, como o pai delas e o meu, e uma outra, vivendo desde sempre no Canadá, praticava esse esporte, regularmente, na escola, o que era para nós, meninos brasileiros, uma surpresa – assim como para ela parecia incomum que mulheres (quase) não o jogassem por aqui. Torcíamos, por tradição familiar, pelo Corinthians Paulista, reafirmando a máxima – cada vez mais relativizada, aliás – de que a afecção paterna prevalece entre os filhos. Cresci como torcedor de um time marcado por derrotas e por um jejum de mais de duas décadas sem títulos, cuja abstinência foi quebrada comigo ainda criança, mas já fã de futebol, na noite de 13 de outubro de 1977, com a conquista do Campeonato Paulista de Futebol. Foi numa quinta-feira, e era aniversário de meu pai.

Escutávamos pelo rádio as partidas em tardes de domingo, assim como, eventualmente, assistíamos às que as emissoras de Florianópolis retransmitiam a partir dos canais paulistas, o que não era o mais comum, já que a predominância eram os cariocas e a participação dos grandes do Rio no certame nacional. Das lembranças mais remotas, guardo principalmente as derrotas de 1974, no Paulistão, para o Palmeiras, e para o Internacional, no Nacional de 1976. Da última, ao menos havia um atenuante, que fora a vitória contra o Fluminense, a Máquina Tricolor, na semifinal do mesmo torneio, no Maracanã lotado, em tarde que ficou conhecida como da invasão corintiana: metade dos pouco mais de 140 mil presentes eram apoiadores alvinegros. A inclinação por um time, à qual me mantive sempre fiel, não me impediu de admirar outros quadros, a exemplo do próprio Colorado daqueles anos, o timaço liderado por Falcão, cuja escalação sei de cabeça (o

que inclui até mesmo alguns suplentes). O mesmo vale, por incrível que pareça, para o maior rival, o Palmeiras, ou para o São Paulo, igualmente, um adversário clássico, time pelo qual torcia o pai de meu pai.

A paixão pelo jogo foi alimentada pelo futebol de botão, que eu praticava com times diversos, com a esfinge e o nome de cada jogador, assim como pelas imagens do Canal 100 no prólogo dos filmes que assistia em tardes de sábado e domingo, nos cinemas do centro da cidade, e a leitura de jornais e de revistas, em especial a *Placar*. Os campos de futebol de mesa eram simples, ficavam geralmente sobre o chão, mas também podiam ser mais sofisticados, com cavaletes próprios, como o do vizinho flamenguista. Podia-se jogar com amigos, mas também sozinho, atuando pelos dois lados, mas, eventualmente, beneficiando o time da preferência, e, em um canto da casa mais ou menos plano, na falta do tablado de madeira verde envernizada. Não era incomum que as crianças vocalizassem as partidas, mimetizando o tom e as expressões dos narradores da TV e do rádio. Minhas equipes eram de plástico, já que nunca me adaptei ou mesmo me interessei pelas de acrílico, e os goleiros eu os construía com caixas de fósforo, fitas colantes transparentes e coloridas, arroz ou chumbo no interior, além do escudo do clube, que fora recortado de revista ou jornal. Estava feito o time, que vinha sempre escalado no 4×3×3, variando para o 4×2×4, ou ainda com um líbero, posição que se tornou famosa por causa do sucesso de Franz Beckenbauer, capitão da seleção alemã ocidental, campeã da Copa de 1974, disputada em seu país. Em tempos que zagueiros, em maioria, eram apenas marca-dores e rebatedores e não tinham técnica e habilidade para começar

as jogadas – o brasileiro Luís Pereira era exceção –, a de líbero era uma posição importante que, hoje, a dinâmica do futebol colocou em desuso.

As tardes de sábado e domingo, assim como as de dias da semana, nas férias de julho, principalmente, eram testemunhas das belas imagens do *Canal 100*, de Carlos Niemeyer, antecedendo a programação de cinema. Em maioria, eram sequências de clássicos cariocas, nas quais brilhavam Zico, Cláudio Adão, Roberto Dinamite, Doval, Rivelino, Mendonça, Paulo César Lima, Marinho Chagas, Carlos Alberto Torres, entre tantos outros. Não era incomum, tampouco hoje é, a identificação com equipes do Rio de Janeiro, principal ponto de irradiação do entretenimento transmissível, via Embratel, para o país. Não são nada desprezíveis os efeitos da Rádio Nacional, nos anos 1940, e da TV Globo, nos anos 1970, principalmente, levando à popularização dos clubes cariocas, em especial o Flamengo, que se destacou nos dois períodos. Os lances de jogo que assistíamos no cinema não eram os da TV, embora se tratasse das mesmas partidas. Na tela grande, havia closes nos jogadores e torcedores, ritmo alterado, pontos de vista que eram os dos repórteres cinematográficos de campo (eram muitos ao redor dos gramados), narração triunfalista e fundo sonoro de: *Na cadência do samba*, de Waldir Calmon. Era bonito.

Comecei a ler a *Placar*, semanalmente, aos nove anos, os exemplares que o pai me presenteava às terças-feiras, quando ficava disponível nas bancas de Florianópolis. Chefiada por Juca Kfoury, em cada número trazia informações sobre as recentes rodadas dos disputadíssimos campeonatos estaduais ou do nacional, assim como

reportagens longas e bem apuradas sobre temas diversos do universo futebolístico, do Brasil e do exterior. Foi nas páginas da revista que me familiarizei um pouco com o futebol jogado na Europa, assim como com rivalidades locais que eu não conhecia, a exemplo daquelas entre três equipes na mesma cidade, como em Belém (Remo, Paysandu, Tuna Luso) e em Recife (Santa Cruz, Sport e Náutico). Eram excelentes os textos do próprio Juca, mas também de Marcelo Rezende (sim, o sobrinho de João Saldanha, o mesmo que depois se notabilizaria pelos programas de crime na TV), José Maria de Aquino e Carlos Maranhão, que apareciam em parágrafos bem elaborados, informativos, analíticos, autorais. A *Placar* tinha ótimas fotografias, a tabela de vários campeonatos, matérias sobre atletismo – esporte que se tornaria muito importante na minha vida, inclusive, como atividade profissional durante vários anos –, automobilismo, natação e tantas outras modalidades, além de tratar o futebol como tema político e social, marcando posição editorial contra a ditadura e seus desmandos no futebol. De forma semelhante ao que fazia o *Jornal da Tarde* naqueles tempos, a revista exercitava o *New Journalism*, com textos tendendo ao literário e mesmo ao ensaístico. Ela me ensinou a ler e pensar melhor, não só sobre o futebol².

2 Ao lado da *Placar* estão, ainda, a *Manchete Esportiva*, que eventualmente chegava às minhas mãos, e também *El Gráfico*, que eu lia quando visitava a Argentina, país natal de minha mãe. Sobre a última, o papel era mais brilhante e o formato um pouco maior que as revistas brasileiras, além das manchetes mais extravagantes do que as das nossas publicações. A seu modo, era uma revista interessante e com ela aprendi muito sobre o *fútbol*. Anos mais tarde, li os instigantes trabalhos de Eduardo Archetti sobre *El*

Sem ter sido muito bom ou muito ruim tecnicamente, não deixei saudades em quem jogou comigo ou me viu jogar bola. Gostava de colocar o corpo nas disputas, apesar de, talvez, levá-las por demais a sério, mas sempre apreciei muito desfrutar do futebol assistindo-o, entendendo seu desenvolvimento e variantes, assim como em relação aos sentidos que sobre ele ou por meio dele podem ser socialmente construídos. Ademais, cedo parei com a coisa, dadas as obrigações que tive que começar a cumprir desde os meus 14 anos, quando me profissionalizei no atletismo. Não podia me colocar em risco de lesão, não devia me desgastar correndo atrás da bola ou marcando adversários, realizando movimentos que se supunha serem inadequados para músculos e ligamentos preparados para outro fim. Havia certo exagero, mas era o que se sabia, à beira da pista, décadas atrás.

Quando criança, gostava de ler histórias de futebol, assim como ouvir dos mais velhos suas experiências com ele, fossem como torcedores, fossem como jogadores de fração amadora. Com meu avô paterno aprendi, por exemplo, os termos em inglês, usuais em sua juventude, para determinar as posições em campo. Ele mesmo, segundo me contava, dera seus chutes como *center-half* (havia uma foto a indiciar a narrativa), palavra que pronunciava com um indefectível sotaque caipira³. Vi meu pai, já veterano, atuar como zagueiro central rápido

Gráfico, que hoje podem ser encontrados na excelente antologia (Archetti 2017) organizada por José Bengoa. A propósito, tomei conhecimento de seu trabalho na segunda metade dos anos 1990, muito por causa de um capítulo de livro na coletânea de Christiane Eisenberg (1997).

3 Meu avô paterno era torcedor fervoroso do São Paulo Futebol Clube, como

e técnico – o que compensava a pouca imposição física –, em partidas nos bairros ao redor da UFSC, Trindade e Pantanal, além de ouvir suas histórias sobre disputas aguerridas no interior de São Paulo e, literalmente, na várzea, às margens do Rio Tietê, na capital.

Foi assim que, sem perder a paixão – que, no entanto, oscilou um tanto ao longo da vida –, cheguei ao futebol como tema de reflexão mais fundo. O momento decisivo para isso foi, provavelmente, o fortuito encontro com o livro *Universo do futebol*, organizado por Roberto DaMatta (1982a). Eu havia lido algo do grande antropólogo na disciplina de Antropologia I, na UFSC, mas foi na biblioteca do Centro de Educação Física e Desportos da UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, que me deparei, meio por casualidade, com o belíssimo volume em capa dura, numerado, com quatro textos excelentes e imagens de obras de Rubens Gerschman, em edição exclusiva e única. Havia dois exemplares, um deles para empréstimo, que, imediatamente, levei para casa⁴. Assim que foi possível, entrei

assinalei acima, mas, ao mesmo tempo, tão identificado com o estado de São Paulo que, ao contrário de quase todos os aficionados que conheci ao longo da vida, se seu time não jogava, ele apoiava outra equipe da capital ou do interior, fosse a partida contra equipe de outro lugar do Brasil ou do mundo.

- 4 Muitos anos depois, estive na mesma biblioteca, que eu visitara várias vezes antes e até poucos anos depois daquela vez, e já não encontrei os exemplares do livro, tampouco um dicionário Oxford de esportes e o livro *Psicologia do futebol*, do neerlandês F. J. J. Buytendij (1965), que mencionarei novamente mais adiante. A informação que recebi sobre o destino das obras, que até hoje fantasio que não seja verdade, é que todo o material com publicação de mais de 10 anos antes havia sido descartado.

em contato com a Editora Pinakothèque e adquiri o meu, aproveitando para também receber *Universo do Carnaval: imagens e reflexões*, igualmente de DaMatta (1981).

A leitura de DaMatta, Simoni Lahud Guedes, Luiz Felipe Baêta Neves e Arno Vogel foi para mim reveladora. Ao mesmo tempo em que tudo parecia fazer sentido, como se correspondesse aos sentimentos que eu carregava, era novo, tanto nas temáticas quanto na abordagem que elas sofriam. Acabei procurando o que o organizador do livro já escrevera sobre futebol, e passei a acompanhar suas manifestações sobre o tema na grande imprensa. Fui também buscar o clássico *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (DaMatta 1979), obra que sintetiza o argumento do autor e que sustenta muito daquilo que ele foi publicando nas décadas seguintes. Acompanho DaMatta desde então, e ao longo da vida, li praticamente tudo (ou tudo) o que dele encontrei. Pela admiração e respeito que a obra enseja, ocupei-me dela e, na exata medida de meu respeito por seu autor, critiquei-a em alguns de seus aspectos (Vaz 2002, 2004, 2021).

Penso que o incontornável trabalho que vê o futebol como drama de justiça social desconsidera, em boa medida, as dinâmicas que acontecem no gramado, tanto do ponto de vista técnico e tático, quanto no que se refere às complexas relações entre atletas, árbitros e *staffs* – e desses com os torcedores e torcedoras. Se as regras do jogo são conhecidas pelos que assistem à disputa (pelo menos por parte deles, já que há também aí muita idealização), não é possível dizer que o público de fato sabe muito do que ocorre entre as quatro

linhas (e nas beiradas) do campo. A movimentação de ocupação de espaços sem a bola, as coreografias que confinam atletas a uma parcela do retângulo, as diferentes condições orgânicas, medidas em detalhes em cada futebolista, tudo isso confere um quadro de ações que a maioria de nós, amantes do futebol, não percebemos. Um dos motivos é, aliás, o costume de assistir às disputas pela TV, um acontecimento muito diferente daquele que se dá no campo. Além disso, em quase nada dialogar com o que vem sendo, no mundo inteiro, produzido sobre o esporte em geral e o futebol em particular. DaMatta (1982a, 1982b, 1982c, 1994, 2006, 2025), entre tantos, mantém-se refém das próprias premissas, jamais revisadas, embora a modalidade tenha mudado muito, tanto a que é jogada no campo, quanto no que se refere às relações que torcedores, imprensa e demais interessados têm com ela.

Desde a primeira leitura de *Universo do futebol* até hoje, pesquisei e escrevi sobre futebol, mesmo que profissionalmente outros temas tenham comparecido de forma mais enfática em minhas investigações. A leitura dos bons textos da *Placar* levou-me ao mundo da literatura memorialística e ficcional sobre o tema que, junto com os prólogos cinematográficos do *Canal 100*, me conduziram ao cinema que se ocupa dos campos de grama e barro, seus atores, ações e narrativas. Esses têm sido temas importantes para mim. Cinema e literatura que encontram no futebol um ritmo próprio e a imaginação plasmada em letra, imagem e sonho, merecem uma atenção que tem sido prestada, mas que pode, nos labirintos da experiência estética, avançar muito.

Mas ainda há duas questões-chave para mim. Por um lado, me interessa esse jogo como suporte de memória e da história, o que abarca também o presente que se esvai com tanta velocidade, como hoje é nossa experiência. É nesse sentido que avança, por exemplo, minha contribuição quinzenal com a revista *Arquibancada*, do portal *Ludopédio*⁵. Por outro lado, estou atento ao esporte, tal como se desenvolve como empenho corporal em sucessivas sessões de treinamento e disputas intensas, controladas com cada vez mais detalhes por uma parafernália tecnológica que, se supõe, diz a verdade. Isso vale para os dispositivos imagéticos que compõem o VAR, como para aqueles que controlam o esforço e a condição de cada atleta, a cada momento, via GPS e outros meios. O erro faz parte do jogo, e isso vale para o árbitro, que às vezes acerta na marcação e, logo depois, se equivoca porque vai à tela e observa a jogada em câmera lenta ou de um ângulo em que algo que parece que aconteceu, de fato, só se realizou na imagem – ou vice-versa⁶. Dúvida por dúvida, por que uma é melhor que a outra?

5 Sou muito agradecido ao portal *Ludopédio*, na figura de seus editores, em especial a Sérgio Settani Giglio, e às pessoas com as quais tenho dialogado mais diretamente e, eventualmente, escrito no portal: Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, Antonio Jorge Gonçalves Soares, Daniel Machado da Conceição, Fábio Machado Pinto, Eduarda Moro, Vitor Steurer, Rodrigo Piriz, Ivan Marcelo Gomes, Felipe Quintão de Almeida e, muito especialmente, Danielle Torri.

6 A controvérsia em torno da atleta que deveria chegar à medalha de bronze (o ouro era de Rebeca Andrade e a prata de Simone Biles, não havia dúvidas) na prova de solo, na Ginástica Artística, nos últimos Jogos Olímpicos, ilustra bem o fato (Vaz 2024a).

Por outro lado, os corpos dos jogadores, em suas radicações de gênero, classe, etnia, geração e “capacidade”, são importantes como tema de estudo, assim como os investimentos estéticos e formas que com eles podem criar e expressar. Também me parecem importantes as relações com o treinamento corporal, um assunto antigo para mim, tanto como pesquisador (Vaz 1999 – esta é a demarcação mais precisa, mas as reflexões vêm de quase 10 anos antes), quanto na condição de competidor de alto rendimento, registro que, como acima anotado, vem quase da infância (este, aliás, também é um tópico sobre o qual venho pensando, o trabalho infantil no esporte). Os corpos de hoje, não apenas bem alimentados e hidratados, mas esquadrinha-dos, suplementados e, especialmente, selecionados a partir de suas características orgânicas e emocionais mais adequadas, são tornados capazes – são submetidos, seria melhor dizer – de suportar cargas e performances nunca antes imaginadas. Isso exige um processo, tem seu custo e corresponde a uma expectativa da sociedade. Afinal, a análise e a reflexão sobre o esporte não podem dizer algo apenas sobre ele mesmo, mas devem emergir como um conjunto de problemas que expressem a experiência social mais ampla, já que “A necessária recusa de discursos totalizantes que fazem o objeto desaparecer em seu interior, que o justificam ao invés de analisá-lo, não pode derivar em particularismo cujos resultados só interessem, quando muito, à comunidade que estuda esportes”. (Vaz 2020: 113).

No próximo subcapítulo, exponho alguns dos andaimes e balizas que conformam meu esforço de entendimento do futebol – e da sociedade –, para, logo após, expor três situações exemplares de

temáticas e abordagens que bem compõem (ou podem compor) o debate contemporâneo.

2. FUNDAMENTO: ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL

Não demora muito o nascimento da sociologia e da psicologia do esporte, se considerarmos que as áreas que lhes dão origem, sociologia e psicologia, são frutos do final dos anos 1800. Sem as condições objetivas para que indivíduo e sociedade, por um lado, e algo como o funcionamento interno do sujeito que fosse imanente à sua existência, por outro, essas áreas de conhecimento não existiriam. Ao mesmo tempo, a presença das práticas esportivas e o fascínio por elas gerado, em um século que funda a desigualdade no mundo, vão rapidamente demandando como necessárias e interessantes as especificações que designam o que anos depois serão consideradas subáreas de conhecimento, sociologia do esporte e psicologia do esporte.

O século XIX viu o nascimento da sociologia, com os fundadores trabalhos de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim e Auguste Comte, assim como a constituição da psicologia como ciência, com o Instituto de Psicologia da Universidade de Leipzig (1879), depois da publicação dos *Princípios da psicologia fisiológica* (1874), ambos perpetrados pelo alemão Wilhelm Maximilian Wundt. Poucas décadas depois, foi publicado o livro de Heinz Risse (1921), *Sociologia do esporte*, e estabelecidos os primeiros laboratórios que se ocuparam da psicologia da competição esportiva – logo começaram também os de fisiologia, nos dois casos inspirados pelos estudos sobre fadiga

e trabalho e sobre as condições para a guerra, dois âmbitos com os quais o esporte tem forte parentesco.

Como ensina Alson Rabinbach (1992), tratava-se, no primeiro caso, de medir com alguma precisão, nos séculos XVIII e, principalmente, XIX, os limites orgânicos e subjetivos de trabalhadores em atividades rotineiras enquadradas por tempo e espaço – portanto, disciplinadas, um ponto que será fundamental para o esporte de competição de alto rendimento –, desenvolvendo para isso instrumentos precisos de medição de esforço e cansaço. Afinal, era necessário regular o empenho do ser humano na jornada laboral para que ela pudesse ser repetida a cada dia. De certa forma, *The human motor*, o livro de Rabinbach (1992), mostra as respostas que o capitalismo e a ciência a ele alinhada deram para questões que estavam sendo também identificadas em chave crítica por Karl Marx (1982), em *O capital*, e por Friedrich Engels (2010), em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Em ambas as obras, as condições subjetivas e objetivas do trabalho são mencionadas e, em alguns casos, escrutinadas. O primeiro aborda, entre muitas outras situações, a subsunção do trabalhador ao ritmo da máquina, à expropriação de sua condição humana. Segundo Marx, a produtividade exacerbada que a forma automatizada da produção traz não corresponde à superior humanização, já que a organização política desse processo não atende a interesses emancipadores. O segundo pesquisa a situação degradante dos trabalhadores de Manchester, submetidos às piores condições sanitárias, de trabalho e de moradia. Isso inclui as dificuldades com os cuidados de si, entre os quais Engels destaca a fal-

ta de prática esportiva, que tão bem fazia, segundo assinala, para o bem-estar das pessoas. Observe-se que o parceiro de Marx era adepto dos esportes, em especial natação e equitação, como relata Edmund Wilson (2003). Tratava-se, então, de uma prática distintiva aristocrática que o socialista de origem nobre pretendia que fosse extensiva à classe trabalhadora.

No que se refere à familiaridade do esporte com a guerra – e, portanto, com seus métodos de preparação –, Paul Virilio (1977) lembra o quanto práticas como alpinismo e balonismo, cuja importância bélica foi enorme em tempos de tecnologia mais acanhada, alimentaram a relação entre essas duas esferas. Mas é evidentemente muito mais extensa essa relação, e, no Brasil, os exemplos abundam, como em outra ocasião já mencionei (Vaz, 2024b). Se os mais recentes se encontram no programa de incorporação de atletas pelas forças armadas (um terço da delegação olímpica em 2021 foi formada por castristas, alguns dos quais batendo continência ao chegar ao pódio), é nas instituições militares que o esforço esportivo nacional foi incrementado, a exemplo do Centro de Educação Física Adalberto Nunes (CEFAN), da Marinha, da Escola Superior de Educação Física, do Exército (EsEFEx), e do Instituto de Medicina Aeroespacial Brigadeiro Médico Roberto Teixeira (IMAE), da Aeronáutica, que já em 1951 tinha uma câmara hipobárica, instrumento para simular a escassez de oxigênio em grandes altitudes, essencial para o treinamento de pilotos de caça, assim como para esportistas em provas de longa distância. Lembre-se, ademais, a importância da *Revista de Educação Física do Exército*

Brasileiro para as ciências do esporte no país, bem como de oficiais como Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho, preparador físico e depois treinador da seleção brasileira de futebol, nos anos 1970, tradutor de obras de Kenneth Cooper à língua portuguesa.

Trabalho e guerra estão na base do conhecimento que interessa ao esporte porque, fundamentalmente, as perguntas são as mesmas: o quanto alguém pode suportar, nos termos do treinamento e da competição, nos planos orgânicos e emocionais, que não são excludentes entre si, as demandas de treinamento e competição, as privações, os estímulos cada vez mais intensos, as dores e as pressões de todo tipo — entre outras, as que constituiriam em assédio moral em qualquer outro âmbito, mas que no esporte são muitas vezes consideradas como parte natural do processo de preparação e disputa. Dito de outra forma, o esporte exerce a dinâmica do trabalho para preparar para a guerra, que as práticas competitivas desde sempre simulam.

Então, temos no mundo mais ou menos 100 anos de pesquisa sobre o assunto, o que inclui a presença das Humanidades. Não é muito, mas também não é pouco, já há um acúmulo de estudos e não se pode dizer que os interesses das Humanidades estivessem ausentes, ao contrário, desde o início do esporte institucionalizado estiveram presentes, em suas variadas áreas. Elas foram se ocupando do fenômeno, em especial, afora aquelas praticadas nos Estados Unidos da América e no Canadá, em radicação mais específica: o futebol. Um dos trabalhos exemplares desse movimento — de importância como registro histórico, nada muito mais que isso, o que, no entanto, importa — é o do neerlandês Frederik Jacobus Johannes Buytendijk

que, em correspondência com outros grandes intelectuais, como Johan Huizinga — autor, entre outros, do clássico *Homo Ludens* —, se ocupou do jogo, de uma filosofia da fisiologia, e também do futebol: em 1953, ele publicou o pequeno livro *Psicologia do futebol*. Nele, já aparece, aliás, a suposta inadequação feminina ontológica para o jogo de futebol (Buytendijk 1965), mostrando, uma vez mais, que é longa a trajetória de exclusão de mulheres desse jogo.

No Brasil, há intentos de estruturar um pensamento (não acadêmico⁷) sobre o futebol desde muito, sendo Mario Filho (2003) e seu *O negro no futebol brasileiro*, publicado 1947, um marco essencial. Antes disso, grandes literatos mencionaram o esporte, prática social que já fazia parte do cotidiano de brasileiros de diferentes estratos sociais. A crônica foi um gênero que prontamente encontrou uma correspondência com o futebol, e o teatro ofereceu-se como um modelo interessante para pensar sobre esse esporte: Décio de Almeida Prado (1997) e Luiz Eduardo Soares (1976, 1979) são destaques e, sobre eles – e sobre todos – está o irmão de Mario, Nelson Rodrigues (1994a, 1994b, entre tantos).

Academicamente, as coisas começam a mudar, um pouco, mas não muito, com os pioneiros trabalhos de Simoni Guedes (1977) e de Roberto DaMatta (1982c). De lá para cá, muito se avançou, com pesquisas de todo tipo em múltiplas abordagens com diferentes pretensões e qualidade variável. Há brasileiras e brasileiros apresentando trabalhos e os publicando em várias partes do mundo, inclu-

7 Valem aqui as incontornáveis análises de Antonio Jorge Gonçalves Soares (1999).

sive, no próprio país, com financiamento para a pesquisa, linhas de investigação, o tema está mais ou menos consolidado como legítimo, ainda que seja visto, aqui e ali, em certa medida, como pitoresco. O futebol tornou-se um tema legítimo, importante, mais até que o esporte como um todo, para as Humanidades. Antes de uma sociologia do esporte mais avançada, temos algo como um conjunto extenso de estudos socioculturais que se ocupam de uma modalidade específica, já que as outras se encontram claramente ofuscadas pelo interesse futebolístico.

Hans Ulrich Gumbrecht, autor de importantes trabalhos sobre o esporte (2006, 2021), conta que em 1974, quando era professor-assistente na Universidade de Heidelberg, era tacitamente proibido falar, no Departamento de Literatura, sobre futebol, embora a Copa do Mundo estivesse sendo disputada na então Alemanha Ocidental. Era de mau gosto mencionar o assunto, enquanto o time da República Federal avançava para, liderado por Franz Beckenbauer, chegar à final e derrotar a revolução tática promovida pelo futebol dos Países Baixos, orientado fora das quatro linhas pelo treinador Rinus Michels e, no interior do retângulo, por Johan Cruyff. Embora nem tanto quanto em outros países, como França e Itália, o futebol, no *mainstream* intelectual germânico, é hoje tema mais recorrente, e Gumbrecht chega a afirmar que é um tema *hot* sobre o qual já não se pode deixar de dizer algo.

No mesmo contexto do mandarinato acadêmico teutônico, outro episódio merece ser citado. Há 55 anos, Gerhard Vinnai (1970) publicou seu *Fußballsport als Ideologie – Futebol como ideologia* – resultado de uma tese de doutorado defendida pouco tempo

antes em Frankfurt. Com a pretensão de ser uma análise no interior do que se convencionou chamar de Teoria Crítica da Sociedade, o texto provocou, no entanto, um duplo prejuízo. Por um lado, dado seu mecanicismo analítico, não traz grande contribuição para os estudos sobre o esporte em sua radicação social, por outro, evoca para si uma tradição da qual, enfaticamente, se afasta. Ele considera, corretamente, que o futebol é disseminador ideológico do capitalismo, reproduzidor de suas instâncias e relações de dominação, além de espetáculo para o consumo na dinâmica do espetáculo mercantilizado. Falta-lhe, no entanto, movimento analítico dialético, em especial no que poderia ter mobilizado das lições de seu professor, Theodor W. Adorno, no que se refere à especificidade dos fenômenos sociais, cujo modelo privilegiado é a singularidade da arte – esta tem os pés vinculados na época histórica, mas os olhos visando outro lugar, transcendendo-a (Adorno 1997). O momento de jogo presente no futebol e, principalmente, as características que lhe são próprias (*Eigenschaften*) e seu teor de conteúdo (*Sachverhalt*) precisam ser considerados, sob o risco da diluição da experiência social concreta – o futebol tal como jogado e vivido em cada circunstância – no que se supõe ser totalidade social, mas que é apenas imposição de uma receita preconcebida sobre qualquer que seja o objeto que esteja sob o manto da época histórica.

Uma década depois de seu surgimento na Alemanha, o livro de Vinnai (1974) foi publicado no México e, em sucessivas edições, disseminou-se por grande parte da América Latina. Com ele, entronizou-se a ideia segundo a qual uma perspectiva crítica sobre

o futebol seria essa, em formato apocalíptico (Alabarces 2021) à qual se oporia aquela construída por Roberto DaMatta e aqueles que nele se inspiraram. Não por casualidade, o título do texto deste último, presente em diferentes publicações no início dos anos 1980, e carro-chefe de *Universo do futebol*, é, na versão da revista *Novos Estudos*, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o CEBRAP, *Futebol: ópio do povo × drama de justiça social* (DaMatta 1982b). De fato, são posições excludentes, mas trata-se de antagonismo que pouco ajuda na compreensão de tão complexo fenômeno social. O futebol não é uma coisa ou outra, mas uma coisa e outra. Seu caráter ideológico e reprodutor da lógica do capital é evidente, na maciça exploração do trabalho dos atletas, em sua constituição como mercadoria espetacular, na publicidade de produtos que causam dependência, como as casas de aposta, no reforço a estereótipos de masculinidade e heteronormatividade etc. Mas ele também é expressão cultural legítima e eventualmente emancipadora, seja por seu momento de jogo e expressão estética, seja por seu caráter aglutinador e de potencial ascensão social de minorias, por suas relações com os movimentos sociais, entre outros aspectos.

Uma visão equilibrada em relação ao futebol não significa isenção ou a procura de um meio-termo, mas analisá-lo em seu desenvolvimento contraditório e sem nele buscar uma essência ou coisa que o valha, mas sua radicação histórico-social. Um exemplo de como isso pode acontecer se encontra em análises de Detlev Claussen (2006, 2014), como esta:

Deduzir a analogia do futebol em relação à sociedade, e vice-versa, produz estupidez, porque não se reconhece o carácter genuinamente social do jogo. O futebol encerra a revolta de miúdos aristocráticos contra a educação escolar, assim como a revolução dos burgueses orientados para a vitória contra os aristocratas arrivistas, ou ainda a vontade de movimentação livre das classes que exerciam o trabalho fisicamente mais duro. Mas no futebol está também contido o oposto: controle, disciplina e esforço físico. Malgrado todo o entusiasmo, não deveríamos ignorar a dialéctica de progresso no futebol: a liberdade e a dominação entrelaçam-se no jogo e somente aquele que se submete à soberania de uma ordem no jogo pode sair do campo como vencedor. O carácter de compromisso que marca o curso normal das coisas burguesas também encontra expressão no empate. (Claussen 2006: 588-589).

Este é o espírito que me anima a seguir desfrutando do futebol e analisando a sociedade por meio dele. Passo agora, antes de concluir, a três abordagens que me parecem importantes para seguir pensando.

3. TRÊS TEMAS

Os estudos sobre futebol podem se ater um pouco mais ao tema do corpo, que inclui evidentemente tudo o que o constitui e o transversaliza, como gênero e etnia, eficiência na deficiência etc., mas também aquilo que se refere à dinâmica do treinamento, ao uso de suplementos, às regras de alimentação e de descanso, ao uso e abuso

de drogas legais e ilegais para o incremento do alto desempenho, às formas de controle exercidas sobre ele. Neste 2025, produziu-se um ponto de tensão entre o atacante Pedro e o treinador Filipe Luís, ambos do Flamengo, cujo ponto máximo foi desencadeado pelo pouco empenho do primeiro em sessões de treinamento, anunciado enfaticamente, em entrevista coletiva, pelo segundo. A prova cabal de que não passava de impressão clínica do comandante foi a informação de que havia dados do GPS indicando a falta de esforço do atleta que fizeram com que as pessoas ficassem crédulas de que o treinador, malgrado o possível mal jeito das declarações, tinha razão. Inclui-se nisso os investimentos sobre o corpo que podem o destruir, o que se coloca com mais ênfase no pós-carreira, mas não só. Esses são temas que devem ser pensados no contexto da sociedade que explora o corpo no trabalho — e subjetiva o mundo corporativo com a intoxicação da autoajuda, de palestrantes e coachs vindos do esporte —, assim como no do consumo de drogas, inclusive, de fármacos legais, em tempos de hiperconsumo de medicação psiquiátrica.

Nos estudos sobre futebol talvez se pudesse dar mais atenção ao que se passa no interior do campo, o que inclui aspectos técnicos e táticos. Isso permitiria, por exemplo, entender um pouco mais da dinâmica que faz de alguns futebolistas jogarem um futebol mais vistoso e se tornarem ídolos da torcida, além de incensados pela imprensa. Permitiria também saber como se dão formas de racismo tático, a exemplo das velhas crenças, que parecem já, em grande parte, superadas, sobre a inconfiabilidade do goleiro negro, ou sobre a

necessidade de ter um zagueiro forte⁸, negro, em parceria com outro, branco, mais técnico. Permitiria, ademais, saber um tanto mais sobre o estilo, observando o jogo para além do que a TV mostra – nosso olhar para ele é muito enquadrado, mesmo quando estamos no estádio, pela dinâmica da filmagem televisiva.

O último ponto que destaco faz referência à arte. Exemplifico com os filmes *Linha de passe*, de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas (2008), *Alemanha*, de Sergio Oksman (2017) e *Campo de jogo*, de Eryk Rocha (2015). Todos têm no futebol o tema central, ou ao menos, o motivo que lhes dá impulso, mas, sobretudo, narrativas cujo encadeamento mimetiza o jogo, com suas tensões entre a previsibilidade e o acaso, a ocupação de espaços, o ritmo que parece encontrar um clímax na parte final do segundo tempo, mas com muitas idas e vindas durante seu transcorrer. O mesmo vale para os romances *O segundo tempo*, de Michel Laub (2006), e *O drible*, de Sérgio Rodrigues (2013). Talvez esse movimento possa dizer algo sobre o futebol e, também, sobre algumas obras artísticas, ambos pensados como expressões do inconsciente de nossa época (Adorno 1997), fazendo com isso, então, com que saibamos algo sobre ela e sobre a sociedade que temos construído.

8 Observe-se, por exemplo, o que o grande Darcy Ribeiro (1996) chegou a afirmar há alguns anos: “Não sei nada de futebol, só vejo as partidas das Copas e, agora, da Olimpíada. Mas o que vi não só me entristeceu, mas também me preocupou muito. Não sou racista, mas não está faltando negro no futebol brasileiro? Veja os negrões da Nigéria, não sabem jogar futebol, mas têm uma raça e uma alma que arrasaram os nossos moreninhos”. (Ribeiro 1996: 2).

6. FUTEBOL (II)

Graciliano Ramos, em 1921 (mesmo ano, destaque-se, do livro de Risse), assinando em jornal como J. Calisto, escreveu que:

O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos. As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão. As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda e galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba.

(...)

Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.

Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenhem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar.

Reabilitem os esportes regionais que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência! (Ramos 2005: 110).

Como podemos perceber, e tão bem colocaram Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo (1997), há quase três décadas, autores com quem eu tanto aprendi, trata-se de uma profecia que não foi cumprida. Somos testemunhas e parte dessa experiência histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. 1997. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt: Suhrkamp.

ALABARCES, Pablo. 2021. El fútbol y el deporte como política: la Fundación Simoni. In: Camargo, Wagner Xavier, Mariane da Silva Pisani e Luiz Fernando Rojo. *Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira*. Curitiba: ABA Publicações. 97-104.

ARCHETTI, Eduardo. 2017. *Antología esencial*. Buenos Aires: CLACSO.

BUYTENDIJK, Frederik Jacobus Johannes. 1965. *Psicologia do futebol*. São Paulo: Herder.

CLAUSSEN, Detlev. 2006. Sobre a estupidez no futebol. *Análise social*. Lisboa, (41)179: 583-592.

CLAUSSEN, Detlev. 2014. *Béla Guttmann: uma lenda do futebol no século XX*. Tradução de Daniel Martinsechen e Alexandre Fernandez Vaz. São Paulo: Estação Liberdade.

DAMATTA, Roberto. 1979. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.

DAMATTA, Roberto. 1981. *Universo do Carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DAMATTA, Roberto. 1982a. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothke.

DAMATTA, Roberto. 1982b. Futebol: ópio do povo × drama de justiça social. *Novos estudos CEBRAP*, (1)4: 54-60.

DAMATTA, Roberto. 1982c. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMatta. 1982a. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothke.

DAMATTA, Roberto. 1994. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, 22: 10-17.

DAMATTA, Roberto. 2006. *A bola corre mais do que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco.

DAMATTA, Roberto. 2025. Futebol encanta, mas faz sofrer. *O Globo*, 16jul. <https://oglobo.globo.com/opiniao/roberto-damatta/coluna/2025/07/futebol-encanta-mas-faz-sofrer.ghtml>.

EISENBERG, Christiane. 1997. *Fußball, soccer, calcio: Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt*. München: DTV.

ENGELS, Friedrich. 2010. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B.A. Schulmann. São Paulo: Boitempo. E-book.

GUEDES, Simoni. 1977. *Futebol, instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. 2006. *In Praise of Athletic Beauty*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. 2021. *Crowds: The Stadium as a Ritual of Intensity*. Cambridge: Stanford Briefs.

LAUB, Michel. 2006. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

FILHO, Mario. 2003. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MARX, Karl. 1982. *Das Kapital: zur Kritik der politischen Ökonomie*. Berlim: Dietz. v.1.

OKSMAN, Serio. *Alemanha*. Revista Piauí, 2017. 2min38s.

https://www.youtube.com/watch?v=NkH_sWi1Dk.

PRADO, Décio de Almeida. 1997. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

RABINBACH, Alson. 1992. *The human motor: Energy, Fatigue, and the Origins of Modernity*. Berkeley: University of California Press.

RAMOS, Graciliano. 2005. *Linhas tortas*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record.

RIBEIRO, Darcy. 1996. Viva elas. *Folha de S.Paulo*, 5 ago., p. 2.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/05/opiniaio/6.html>

RISSE, Heinz. 1921. *Soziologie des Sports*. Berlim: Reher.

ROCHA, Eryk. *Campo de jogo*. Slater, 2015. 1h11min.
<https://www.youtube.com/watch?v=zGxeNNuUllo>.

RODRIGUES, Sérgio. 2013. *O drible*. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Nelson. 1994a. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Nelson. 1994b. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

SALLES, Walter e Daniela Thomas (dir.). *Linha de passe*. Universal Pictures; Pathé Intenational, VideoFilmes, 2008. 1h43min. DVD.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. 1999. História e invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos: esporte e lazer*, (13)23: 119-147.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves e Hugo Lovisolo. 1997. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, 5: 7-20.

SOARES, Luiz Eduardo. 1976. Teatro e futebol são muito mais que isso. *Jornal mensal de artes visuais* (Galeria de arte moderna), 29: 10-13.

SOARES, Luiz Eduardo. 1979. Futebol e teatro: notas para uma análise de estratégias simbólicas. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 33: 1-23.

VAZ, Alexandre Fernandez. 1999. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes*, Campinas, (19)48: 89-108.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2002. DaMatta: futebol-arte, drama e o dilema brasileiro. In: PRONI, Marcelo Weishaupt e Ricardo de Figueiredo Lucena. (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados. 139-164.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2004. *Sport und Sportkritik im Kultur - und Zivilisationsprozess: Analysen nach Horkheimer und Adorno, Elias und DaMatta*, ed. 1. Frankfurt am Main: Afra Verlag.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2020. Pesquisar esportes em Humanidades: abordagens, temas, possíveis ideias. *Novos Olhares Sociais*, (3)1: 111-126.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2021. Sport and Society in the Writings of Roberto DaMatta In: Giglio, Sérgio Settani e Marcelo Weishaupt Proni. (org.). *Football and Social Sciences in Brazil*. Campinas: Springer; EdUnicamp. p. 133-147.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2024a. Imagens (quase) sem objeto: Jogos Olímpicos entre telas e espectadores. In: Ibarrola, David, Elizabeth Oviedo e Juan Bautista Oviedo Paiva. (org.). *Juegos Olímpicos de París 2024: poder, desigualdades y exclusiones. Boletín 9 Deporte y política*, Ciud. Autónoma de Buenos Aires, CLACSO, p. 22-27.

VAZ, Alexandre Fernandez. 2024b. Alemanha: esporte y sociedad (un comentario). In: Levoratti, Alejo (org.). *Cartografía de los estudios sociales sobre el deporte: debates clásicos y actuales*. San Martín: UNSAM Edita. p. 65-84.

VINNAI, Gerhard. 1970. *Fußballsport als Ideologie*. Hamburgo: Europäische Verlagsanstalt.

VINNAI, Gerhard. 1974. *El fútbol como ideología*. México: Sigo XXI.

VIRILIO, Paul. 1977. *Vitesse et politique*. Paris: Éditions Galilée.

WILSON, Edmund. 2003. *To the Finland Station*. Nova York: NYRB Classics.

WUNDT, Wilhelm. 1874. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Wilhelm Engelmann.